



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

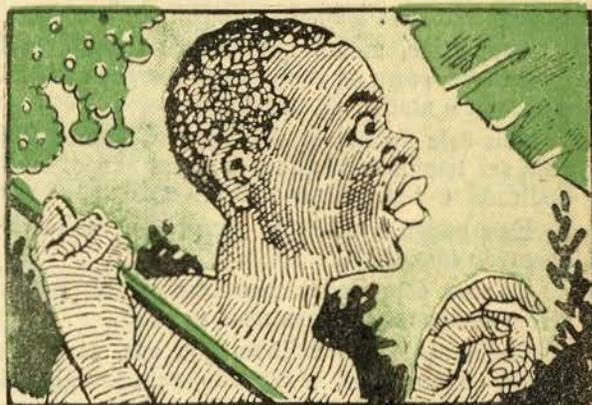
O SECULO

DE SANTA
RITA

O AMIGO do CROCODILO

por ANÃO SABICHÃO

DESENHOS DE ADOLFO CASTAÑÉ



UM crocodilo é — como naturalmente todos os meus amiguinhos sabem — tal qual um lagarto gigante.

Da cabeça ao rabo, este grande bicharoco está coberto de espessas escamas que formam uma couraça tão forte, que as balas resvalam por ela, sem causar dano ao animal.



Para se matar um bicho destes é preciso apontar-lhe a arma aos olhos.

Calculem que barbaridade!

Os prêtos têm outro processo de dar cabo deles.

Com um pau bicudo nas duas extremidades, aproximam-se do crocodilo, na ocasião em que ele faz a sua sesta ao sol. Este abre a sua enorme bocarra, como se quizesse engulir-los todos duma vez, mas, antes que tenha tempo de a fechar, já os prêtos conseguiram introduzir-lhe pela güela abaixo o pau bicudo.

Isto obriga-o a ficar de boca aberta, o que o faz sofrer muito. Doido com dores, deita-se ao rio — porque eles vivem sempre perto de rios na Africa — e a água entra-lhe pelas güelas.

Como não a podem deitar fora, daí a pouco morrem, asfixiados.

E' horrorosa esta morte, mas é preciso que os meus meninos pensem que os infelizes prêtos não se podem banhar nesses rios, sem correr o risco de ficarem sem uma perna ou braço, caso





apareça algum terrível crocodilo.

Por essa razão, procuram todos os meios de se livrarem dum animal tão mau.

Combatido, assim, pelo homem, o crocodilo esconde-se, entre os caniços nas margens dos rios para dali o atacar, de improviso.

Pois este animal terrível que só parece feito para ser temido e odiado, tem um amigo, muito dedicado e fiel, que o auxilia vezes sem conto.

Este amigo é um lindo passarinho, muito vivo chamado tarambola.

Cá para estes lados aparecem pouco, porque vivem sempre nas terras mais quentes.

Como um Anão viajado, que sou, certo dia, estava eu no Egito, passeando pela margem do Nilo, que é um rio lá dessas paragens, e o que havia de ver? Um enorme crocodilo escondido na areia, ao pé do rio com os olhos semi-cerrados, parecendo dormir.

Não sou medroso, não senhor, mas aquele bicharão era de respeito e, apesar de eu não lhe servir nem para a cova dum dente, tratava já de me escapular, quando parei, pasmado.

Uma avezinha, aos pulinhos, andava dum lado



para o outro, mesmo perto do grande bicharoco, com o maior descaro e atrevimento!

Com franqueza, a valentia do passarinho era assombrosa!

Aproximou-se, cada vez mais do crocodilo, como se o quisesse dominar.

A minha surpresa transformou-se em medo quando vi o enorme bicharão abrir a terrível bocarra.

Com uma pequenina dentada era a morte certa do frágil passarinho...

Mas qual não foi o meu espanto, quando a tarambola — era a tal avezinha — em lugar de recuar, saltou, muito ágil, para dentro daquele formidável abismo, onde julguei que logo desapareceria.

Pois enganei-me redondamente. O passarinho andava dentro da gúela aberta do monstro, como se estivesse na sua casa!

Reparei, então, que estava ocupada a depenicar os dentes do crocodilo e a limpá-los sendo, por esse motivo, que é conhecido pelos arabes pelo nome de escavador.

Enquanto durou a operação, o crocodilo não mexeu a língua e conservou as mandíbulas entreabertas. Assim que o pássaro acabou o seu trabalho, desandaram cada um para o seu lado.

Eu também segui o meu caminho, levando a mais, na minha bagagem, este conhecimento, que muito me interessou e penso que assim terá sucedido aos meus queridos leitorzinhos.

A conclusão que tiramos do que acabo de lhes contar é que, na Natureza, por mais ruim que seja um animal, sempre consegue ter um amigo!

F

I

M

CERTO DIA ACONTECEU...

Por GUSTAVO DE ARAUJO

DESENHOS DE A. CASTAÑE

MORA aqui na minha rua, mesma ao lado de minha casa, a Milay.

Vocês não a conhecem, mas é uma menina de sete anos, muito bonitinha, que tem o nome de Maria Adelaide, e a quem todas as pessoas conhecidas, chamam, por gracinha, Milay.

Seguindo as tradições de seus pais, esta menina é muito bondosa e brinca, sem exceção, com todas as meninas da sua rua.

Quando vê um pobrezinho corre a pedir, á sua mamã, dinheiro para lhe poder dar.

Só tem um defeito, é ser desobediente.

Já anda na escola e todos os dias a vai acompanhar o Fakir, um cão de caça muito inteligente, a quem seus pais e seu irmão querem muito.

E é atravessar-se alguém á sua frente!...

Aqui na rua todos o conhecem, mas a nós ele não nos faz mal, até nos recebe com um ar prazenteiro, quando nos vê.

Certo dia aconteceu, como aliás, muitas vezes acontecia, Milay ir brincar para junto do rio, um rio que passa a pouca distância do nosso quintal, acompanhada pelo seu Fakir.

A mamã já por varias vezez lhe tem recomendado que não vá brincar para lá, mas ela adora aquele sitio, onde pode lançar á agua os barquinhos de papel que o mano António lhe faz e aos quais acha

imensa graça, quando os vê, levados pela corrente, a navegarem.

Depois quando eles vão já avançados, o Fakir, deita-se á água e vai buscá-los, entregando-os, para ela novamente os pôr a navegar.

Nesse dia, quando ia a lançar um, escorregou e caiu dentro da água.

Embaraçada, não tendo coragem para gritar, pedindo socorro, sómente o Fakir ao vê-la, assim, naquela aflição, começou a uivar e uivou de tal forma, que o senhor Francisco, o criado da casa, ao ouvi-lo, pressentindo alguma fatalidade, correu ao local, lançando-se á água, assim como o Fakir para salvar Milay.

Levou-a desmaiada para casa onde, devido aos continuos cuidados da senhora Maria, velha criada da casa, conseguiu reanimar passados momentos.

Os pais estavam na cidade e quando chegaram e lhes foi contado o sucedido, ficaram muito impressionados.

A mamã, deveras aborrecida, lembrou a Milay os conselhos que sempre lhe tinha dado e aos quais ela nunca havia prestado a mínima atenção.

O papá prometeu não mais a levar á cidade, para castigo da sua desobediência.

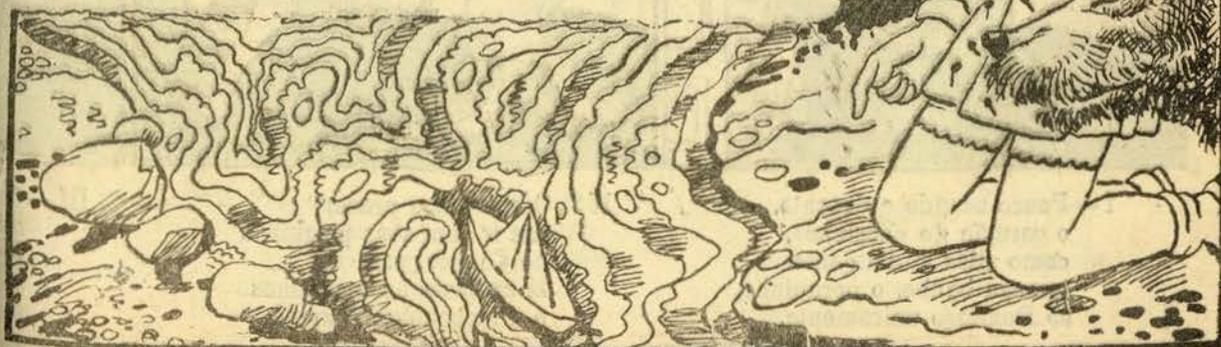
Já passou talvez um ano que isto sucedeu e não sei se realmente Milay não mais foi com o papá á cidade, mas o que vos



posso dizer é que ela não mais foi brincar para o rio, nem deixou de ouvir, com muita atenção, os conselhos de sua mamã.

Ainda há pouco, quando vinha da escola a vi, muito sorridente, acompanhada pelo seu Fakir.

F I M





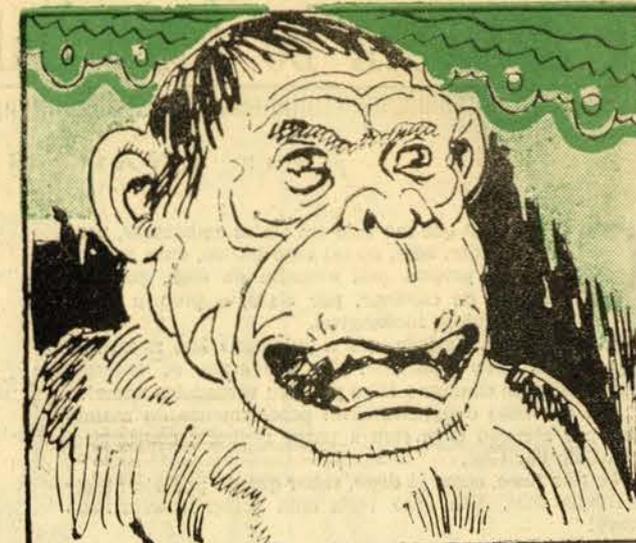
É TÃO FEIO SER MACACO

Por LENOR DE CAMPOS
Desenho de A. CASTANÉ

O Toneca é um excelente menino: trabalhador, esdiado, serviçal, muito amigo dos seus pais e dos avós. pior é quando lhe dá para ser macaco. Faz caretas horri- veis, arremeda os irmãos e até... — que vergon- — já por duas ou três vezes se atreveu a fazer o meso aos pais. Como é de presumir nestas últimas ocasiões as maquiçes

sairam-lhe caras. Apanhou tais riquíssimos açoites num certo sítio, que durante algum tempo nem podia sentar-se.

Como sou muito amiga do Toneca e me custa, portanto, vê-lo fazer figuras tristes, lembrei-me de lhe contar uma história, que há muitos, muitos anos ouvi e não mais me esqueceu:



HISTÓRIA DO PRÍNCIPE MACACÃO

O rei entristecla-se imenso com estas respostas e dizia:

«Oxalá não sejas um dia bem castigado!...

Certa vez foi visitar o reino de Amadis, o soberano do país vizinho. Ia acompanhado de brilhantíssima comitiva, senhoras formosas e garbosos cavaleiros. Mas entre todos destacava-se, pela sua beleza e distinção, a princesa Belafôr, filha de sobe- rano.

O príncipe Amadis, apenas a viu, ficou tão entusiasmado que até se esqueceu de mostrar as suas habilidades de imitado. Talvez não reparasse nos outros, visto que só tinha olhos para a prin- cesa.

Uma noite houve um baile no palácio real, em honra de sobe- rano visitante. O príncipe e a princesa dansaram um com outro inúmeras vezes. Por fim Amadis, apaixonado, suplicou a Bela- fôr o consentimento para pedir a sua mão.

Esta, que também simpatizava com o príncipe e sabia da suas excelentes qualidades, acedeu.

O príncipe dirigiu-se, então, ao pai de Belafôr, que ndeado pela sua côrte e sentado junto do rei Prudente, entretinha com este animada conversação. E ali mesmo lhe falou:

«Amo vossa filha com toda a paixão. Quereis vós conceder-me sua linda mão?»

Ora o rei, pai da princesa, era gago e um pouco estrábico. O príncipe Amadis ainda não tinha reparado nesses pormenores, tão entretido andava com a princesa. Mas quando o rei, ao levantar-se todo mesureiro, encetou um discurso de agradecimento, a gaguejar e a entortar os olhos, não pôde conter-se. O soberano principiava:

«Muito gra... gra... gra... gra... gra... to a vós prin... prin... prin... prin... prin...»

Mas não acabou. O príncipe Amadis fingindo tocar um alaúde (1), entortou os olhos e desatou a cantarolar, imitando o rei:

«Prin... prin... prin... tião... tião... tião...»

(1) — Alaúde — instrumento de corda em forma de viola.

Foi um escândalo na côrte. Os fidalgos que rodeavam os reis não puderam deixar de rir com vontade. O rei Prudente, cheio de vergonha, cobriu a cara com as mãos. O pai de Belafôr pôs-se vermelho que nem uma malagueta. A princesa, desmaiou. E o príncipe Amadis, logo arrependido da maldade, caiu de joelhos diante do rei, pedindo mil perdões.

Mas o soberano, indignado, não quiz atendê-lo. E retirou-se imediatamente, seguido por toda a côrte. Belafôr foi levada em braços por dois fidalgos da comitiva.

No dia seguinte, mal rompeu a manhã, o rei voltava para o seu país, sem mesmo querer tornar a ver o príncipe Amadis.

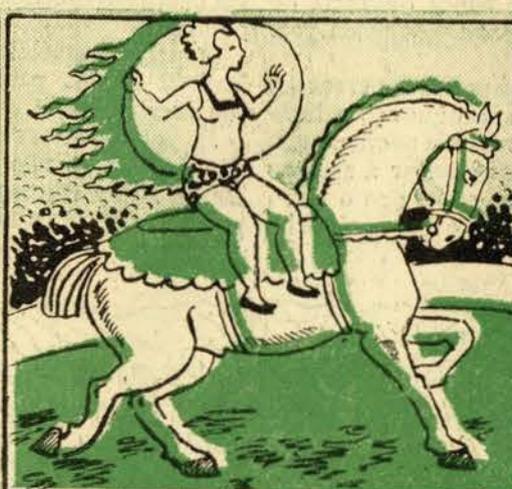
O príncipe começou a entristecer a entristecer, por causa do amor que consagrava à princesa, com quem já não podia pensar em casar.

(Continua na página 7)

O «Z È Z I N H O» E O C O L I S E U



I — Pouco aceado e decente, o garotão do «Zezinho», como aliás muita gente, tomava banho, o porquinho, ao Domingo unicamente.



II — O seu único prazer era ir com seus paizinhos ao Coliseu, para ver lá na pista os cavalinhos e a respectiva «écuyère».



III — Ou palhaços, claro está, que tanto o faziam rir! Por isso, ele, ao seu papá andava sempre a pedir que o acompanhasse lá.



IV — «Pois seja! — (o papá lhe diz) — irás domingo». — «Mas quando é que é domingo?» — (o petiz eis, agora, interrogando, imensamente feliz.



V — «É quando tu tomas banho.» — «volve o pai. Ao outro dia, quarta feira, mostra empenho Zezinho que sua tia lhe vá dar um belo banho.

A RESPOSTA DO ANÃO SABICHÃO AO GIGI GULOSO

P O R A N ã O S A B I C H ã O

CONFESSO que me vejo em sérios embaraços, para responder, aqui, ao tal caso bicudo, dum menino que a própria mãe alcunha de Gigi, por vergonha de escrever, por claro, o próprio nome dum guloso incorrigível.

E' preciso, na verdade, que a gulodice dêsse rapazinho seja muita, para uma mãe, tão extremosa, se envergonhar, assim, de chamar o filho pelo seu verdadeiro nome!...

Até eu, visto o inqualificável procedimento do mafarico, por atenção para com a pobre senhora, continuarei a tratá-lo por Gigi.

Se não fôsse, como já disse, saber quanto poderia afligir a infeliz mãe, este caso teria uma solução muito mais grave!

O Gigi veria escarrapachado o seu nome, — sem lhe faltar uma letrinha, — aqui, no *Pim-Pam-Pum*, como o do glutão maior que há no mundo, e, além disso, como o do menino mais desobediente que este Anão tem conhecido, porque, depois de prometer á mãe, juízo e cabeça fresca, quere dizer, de se emendar, o tal Gigi cai sempre na mesma, apesar das valentes indigestões que já tem sofrido!

Uma outra questão, muito grave, é esta: êsse menino disse que não se lhe dava comer-me, a mim, ao Anão Sabichão!

Desde que trato com meninos cada um com o seu feitio, e a sua maneira de pensar diferente, tem-me chegado aos ouvidos vários desejos e propostas.

Uns, os mais amiguinhos, muito gostariam de me ter sempre junto deles, para os distrair e brincar, outros desejariam viajar, comigo, ás terras maravilhosas que tenho visitado, outros tem manifestado muita vontade de conhecer os variadíssimos bichinhos com que convivo, e ainda outros quereriam passear comigo no meu avião sem motor, enfim, tódos êles, mostram, de qualquer maneira a sua estima e simpatia, mas nenhum ainda tivera um desejo tão patusco, palavra de honra!...

Comer um Anão, e um anão tão amigo!

Esta só do Gigi!

Pois este Anão, nesse caso, tornar-se-ia um inimigo, já se vê, e, como inimigo, sabe o Gigi em que se metia?

Transformado, por exemplo, num bonequinho de amêndoa, este Anão, mal lhe entrasse na boca, agarrava-se-lhe a um dente, como um rebuçado teimoso,

pior do que um rebuçado,
ficava ali agarrado,
sem me tirarem dali,
entre os dentes do Gigi
e não havia palito,
nem a língua, nem dedito
que me arrancassem de lá!

Tinha de vir o papá,
a mamã e mais a avó,
o papagaio, o Tótó,
e, ao fim, de esforços de todos,
eu saíria, com maus modos,
mas contente de ter feito
uma partida a meu jeito.
Eu saía, meu rapáz,
mas o dente vinha atrás!

chamavam-se os *surgiões*,
p'ra tratar a campainha,
que traziam facalhões
para a cortar á escovinha!
E o Gigi gritava,
a família ralhava,
grande gritaria,
e eu cá ria, ria
da minha gracinha,
e isto sem largar,
sem nunca deixar
a tal campainha! —

E se ainda continuasses casmurro, sempre na teima de me papar?

agora pensa, — que espiga! —
se eu caísse na barriga!
as cousas que eu não faria!
pinotes, pancadaria,
pior que o óleo, acredita!
Uma verdadeira fita!
Que um Anão, de cebolada,
é gostoso, mas não presta,
é cousa mais indigesta,
que lulas, de caldeirada!
E fico-me por aqui,
porque senão, meu Gigi,
achavas-me no chichi,
e no resto, que eu não digo!...
E' melhor parar, amigo!
Ouve um conselho, Gigi!
Guarda-o bem, dentro de ti:
Come doces, com jeitoinho,
com cuidado, pouquinho!...
Dás prazer á tua mãe,
e, a ti, só te fazem bem!
E pronto, basta de riso!
Vamos falar com juízo!
Comer's-me, não pode ser!...
Porque eu não sou de comer...
porque o meu corpo iranzino,
que ambicionas trincar,
foi feito, dizem, menino,
da forma que eu vou contar:
Pôs-se dentro dum cadinho,
um pelinho dum bichinho,
uma nota musical,
uma pena de pardal;
do mar, uma góta bela,
a centelha duma estrêla,
o pólen duma flôr,
e uma letra de alfabeto.
Dize-me lá, por favor,
para que eu bem te perceba,
se inda achas que eu sou objecto,
que se coma ou que se beba? —

Se teimasses na tua, porque já percebi a tua teimosia, o que aconteceria?

Pendurava-me na campainha, lá no fundo da tua boquita e não te digo nada!...

Ela inchava, inflamada, tu chiavas com dores e



PARA OS MENINOS COLORIREM



Esta menina gosta muito de cinema. Vejam se descobrem o que ela aspira vir a ser. Unir com um traço os pontos numerados.

É TÃO FEIO SER MACACO (Continuação da página 5)

Mas um dia passeava ele nos seus jardins, quando, ao aproximar-se dum gradeamento, viu do lado de lá uma velha, muito velha, corcovada e còxa.

Embora triste e apaixonado, Amadis não foi superior ao seu antigo costume. Curvou-se todo, como se fosse còr-cunda e começou a coxear duma forma tão còmica, que o seu pàgem Leal Coração, desatou a rir à gargalhada.

Mas a velhota, que era bruxa, é que não achou graça alguma à imitação. Porisso endireitou-se o mais que pôde e arreganhando os poucos dentes, sentenciou :

— «Ja que tanto jeito tens para macaco, eu te ordeno que te transformes num enorme macacão. E só poderás recuperar a forma humana no dia em que qualquer mulher olhe para ti sem receio e te faça uma festa na cabeça.»

E dizendo isto, fez certo sinal misterioso. Imediatamente se ouviu um grande estrondo e o principe Amadis se transformou em macaco.

Cheio de terror, o desgraçado correu para casa. Mas os

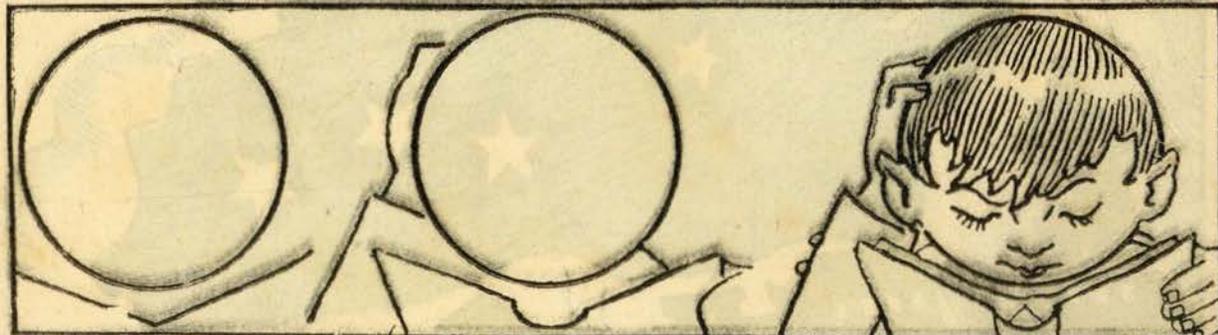
guardas, ao verem aquele bicho que pretendia, á viva força, penetrar no palácio real, desataram a gritar e a atirar-lhe com tudo o que lhes ficava mais á mão.

A escórrer sangue de muitos ferimentos causados pelos objectos que os guardas lhe atiravam, o principe correu a refugiar-se na quinta e instalou-se na árvore mais alta que encontrou.

Entretanto, o pàgem Leal Coração, que presenciara toda a cena, dirigia-se apressadamente ao encontro do rei Prudente. Contou-lhe o sucedido. E logo o rei, com as lágrimas a correrem em fio pela cara, ordenou que procurassem o principe e o fizessem vir á sua presença.

Dai a algum tempo o principe Amadis, que embora não pudesse falar, compreendia tudo o que se lhe dizia, regressava ao palácio e lançava-se, a chorar, nos braços de seu pai.

(Continua no proximo numero)



LIÇÃO DE DESENHO — Como se desenha um menino estudioso

CONTRASTES

por LAURA CHAVES

Caía a noite brandinha,
Lá para as bandas da vinha
já estava tudo farrusco.
Avançava o lusco-fusco
e com seu manto cobria
os restos da luz do dia.
Era em vão que a luz lutava
porque a sombra caminhava
muito de leve, em segrédo,
expulsando-a do arvoredro,
do rio, da eira, do monte,
cegando a água da fonte
que apenas, porque cantava,
se sabia que ali estava.

A noite ia caminhando
e, num sôpro, murmurando:
— De que te serve lutar,
ó luz, se te hei-de apagar
onde quer que tu te escondas,
seja na crista das ondas
ou nas nuvens lá do céu.
Nesta hora tudo é meu.
A hora da luz findou
porque o meu manto tapou,
num gesto, todo tristeza,
o riso da Natureza.

A noite foi caminhando.
Por onde ela ia passando
deixava um rasto de trevas



e a luz disse: Onde me levas?
Porque me apagas assim?
ó noite, tu és ruim!

Então respondeu a noite:

— Para que eu, em mim, te acoite,
foi que o senhor me criou.
Da tréva é que a luz brotou!
Se acaso eu não existisse
e o meu manto não cobrisse
o teu brilho, o teu esplendor,
o mundo exausto de côr,
decerto amaldiçoaria

para sempre a luz do dia!
A tua revolta é vã.
Tu renasces amanhã.
Quanto mais escura eu for,
mais sombria a minha côr,
mais bela tu nascerás,
e em tôda a parte ouvirás:
«Que linda a luz da manhã!»
A tua revolta é vã!

Depois nada mais se ouviu.
E a noite, branda, caiu.

.....

Tem conceito esta poesia
pois nela provar-vos quiz
que tem de haver noite e dia
para a gente ser feliz.

F I M

